

## Imprensa brasileira historicamente fragiliza a democracia

Por Juliana Freire  
Bezerra

Doutoranda do  
Programa de  
Pós-Graduação em Jor-  
nalismo (PPGJOR) da  
Universidade Federal de  
Santa Catarina (UFSC)  
- bolsista Capes - e  
pesquisadora do Obser-  
vatório da Ética Jor-  
nalística (objETHOS).

E-mail: [juliana\\_ freire6@hotmail.com](mailto:juliana_freire6@hotmail.com)

Foto: Giuliana Arruda



Nas redes sociais e nos sites de crítica de mídia, os artigos produzidos por Sylvia Moretzsohn se espalham amplamente. Parte deste sucesso vem do tom denso e certo com que analisa a relação entre jornalismo e contexto político brasileiro. Outra parte advém da urgente análise que os assuntos abordados por ela suscitam, quando tudo parece confuso no calor da emergência dos acontecimentos. Esta capacidade de análise argumentativa sobre a relação de mútua-afetação entre universos midiático e social é fruto de uma longa experiência em pesquisa. Academicamente, a professora de Jornalismo da Universidade Federal Fluminense (UFF) escreveu sobre assuntos diversos que envolvem a profissão, como criminologia, ética, transformações tecnológicas, mundo do trabalho. Na sua tese de doutoramento, *Pensando contra os fatos. Jornalismo e cotidiano - do senso comum ao senso crítico* (2006), discutiu a necessidade de o jornalismo fomentar o que ela chama de um “novo senso comum”, que questiona e analisa criticamente a realidade aparente. Atualmente, além

de pesquisadora do Observatório da Ética Jornalística (objETHOS), realiza estudo de pós-doutorado na Universidade do Minho, em Portugal. Lá, investiga a formação das crenças e convicções nas bolhas virtuais e como isso afeta o jornalismo. Nesta entrevista, enfatizamos a discussão sobre a temática deste dossiê, *Qualidade no Jornalismo, Democracia e Ética*. O intuito foi entender o papel do jornalismo e da imprensa e seus dilemas na construção dos contextos político e social brasileiros na atualidade.

**EJM - Sylvia, qual é a responsabilidade do jornalismo brasileiro, ao menos o praticado nas mídias convencionais, na construção do golpe da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016, e do desdobramento deste processo que culminou no cenário político atual do país?**

SYLVIA MORETZSOHN - Não só nesse cenário, mas tradicionalmente. Eu escrevi na época do golpe justamente o artigo *A mídia e o golpe: uma profecia autocumprida*. Foi publicado no livro *2016, o ano do golpe*, organizado por Adriano de Freixo e Thiago Rodrigues. O livro foi um trabalho muito de ocasião, para marcar posição, como tantos que saíram na época, mas, ao mesmo tempo, foi feito com densidade, com uma fundamentação sólida. E o artigo que escrevi era justamente mostrando como a nossa imprensa sempre foi golpista, não é uma coisa de agora. O livro *A rede da democracia - O Globo, O Jornal e o Jornal do Brasil na queda de Goulart (1961-64)*, do Aloysio Castelo de Carvalho, é importante para entender isso justamente porque mostra como os grandes grupos de mídia, na década de 1960, se articularam para produzir uma opinião pública favorável ou permeável a essa ideia da intervenção militar que acabou gerando o golpe de 1964. A ideia que circulava era que estávamos todos sob a ameaça do comunismo num contexto muito específico que era o da Guerra Fria. Esse contexto, claro, é diferente do contexto atual, mas, mesmo assim, podemos fazer relações. Quem foi que derrubou Getúlio Vargas? Qual foi o papel da imprensa na derrubada dele? O jornal a *Tribuna da Imprensa* e outros agiram para a realização desse fato político. A exceção foi a *Última Hora* que evidentemente era o jornal que se contrapunha aos demais. E o Getúlio não bancou a *Última Hora* à toa. Ele sabia que teria toda a imprensa contra si e que precisava se defender de alguma forma. Dessa forma, eu acho que pensar o jornalismo como pedra angular da democracia só é possível em tese. Assim como o direito também fortalece a democracia em tese. Se você pensar nas revoluções liberais, no contexto europeu e na independência americana, no final do século XVIII, e na construção desses países posteriormente a isso, você vê que a construção do Brasil é totalmente diferente. Os outros países se ergueram com o combate ao absolutismo, endossando os ideais iluministas e desenvolvendo-se no contexto das repúblicas ou monarquias republicanas. Já um país colonizado como foi o nosso, em que a nossa imprensa nasceu oficialmente sob a égide não só da censura, como também do oficialismo, ou seja, sempre dando notícias favoráveis à Corte e perseguindo quem fosse contrário a isso, como é que você pode cobrar do jornalismo o fortalecimento dos ideais democráticos? Como você vai estabelecer um paralelo entre a nossa imprensa e a imprensa desses outros países que deram o tom e que dão o tom dos valores basilares e referenciais do exercício do jornalismo? É por isso que a coisa aqui fica muito postiça, é por isso que a gente erra muito quando fala sobre o jornalismo brasileiro pegando esses conceitos e tentando adaptar, tentando verificar se eles são ou não cumpridos. Quando fazemos isso, esquecemos nossa base, a origem a partir da qual as empresas jornalísticas se criaram. A história da nossa imprensa é muito recente comparativamente e está atravessada por todos esses conflitos, além dos conflitos que toda imprensa sempre vai

**“Pensar o jornalismo como pedra angular da democracia só é possível em tese”**

enfrentar, que são as contradições entre o que se promete e o que de fato se cumpre, entre ideais nobres e interesses mesquinhos. Desta forma, numa democracia como a dos Estados Unidos, em que, apesar de ter havido muita manipulação nestas eleições com uso de mídias sociais para disseminação de mentiras, a solidez das instituições e dos movimentos sociais construídos desde a independência é incomparável ao que acontece no Brasil. Então não dá para dizer: “vamos ver como é que o *The News York Times* está fazendo”. Não há termos de comparação. Neste sentido, a nossa imprensa foi absolutamente decisiva no processo do golpe atual, mas não só. No caso das universidades, a imprensa é muito responsável pela criação de um ambiente favorável a um discurso mentiroso, distorcido, deturpador, mas que tem eco em uma parcela significativa da população e que vai no limite de dizer que as universidades são um ambiente de degradação moral, que as pessoas vivem peladas, fazendo sexo, usando drogas. A mídia é muito responsável por isso porque ela nunca fez reportagens a sério sobre as universidades públicas. Pode até ter feito excepcionalmente, mas, no cotidiano, ela faz matérias que só bombardeiam, que só desqualificam, que só mostram que as universidades são improdutivas. Lembra da lista dos improdutivos que a *Folha de S. Paulo* resolveu publicar, detonando a USP, dizendo que eram professores improdutivos? Isso é da década de 1990 e mostra uma visão absolutamente restrita do papel da universidade. A mídia colaborou direto para essa situação que a gente vive hoje, se a gente pensar mais estritamente no nosso campo aqui.

**EJM - Comentando sobre a série de reportagens do jornal independente The Intercept Brasil sobre o que ficou conhecido como “VazaJato”, você qualificou essa denúncia jornalística como Watergate brasileiro. Por qual razão essa expressão foi escolhida, quando, respondendo a primeira pergunta, você esclarece que as democracias dos EUA e do Brasil são incomparáveis? Além disso, por que o Brasil não conseguiu obter a repercussão que ocorreu no contexto político norte-americano?**

SYLVIA MORETZSOHN - Exatamente porque a democracia brasileira é praticamente só de fachada e ela é assim sobretudo nesse momento em que não há democracia há muito tempo. A partir do golpe de 2016, ela acabou. Eu disse que era o nosso *Watergate* no sentido da relevância das denúncias, dos envolvidos, das consequências políticas que essa operação produziu e que deveria haver em função dessas denúncias. É claro que a gente criou uma expectativa de que naquele momento as coisas seriam alteradas. Porque necessariamente, se você demonstra que

houve uma fraude original no processo de julgamento não só do Lula, mas de vários outros, você põe em causa tudo, e é claro que os advogados estão aí para explorar isso. No julgamento que ocorreu recentemente, no dia 26 de setembro, no [Supremo Tribunal Federal](#), em que a maioria dos ministros votou por uma decisão que conduziria à anulação de sentenças da Lava Jato, qual seria a consequência imediata? A soltura, obviamente. Eu imagino que, nos Estados Unidos, jamais poderia ser aceito que você anule a sentença e o efeito disso não seja a liberdade daquele que foi preso em função de uma sentença que é anulada. Mas isso não é exatamente o que ocorre aqui. Portanto, o Brasil não é comparável

com os Estados Unidos, neste sentido. Agora, por que eu uso a expressão *Watergate*? Pelo peso político que tem o caso. A Lava Jato é um instrumento de derrubada de governo e abriu a avenida para um governo fascista. Então, a comparação que faço é em função da relevância fundamentalmente. Não de uma semelhança que possa haver entre Brasil e Estados Unidos.

“A mídia colaborou para essa situação que a gente vive hoje”

## EJM - Como você avalia a cobertura realizada pelo *Intercept* neste caso e a repercussão na mídia convencional?

SYLVIA MORETZSOHN - Eu acho que foi muito importante o *Intercept* ter feito o que fez e como fez, supostamente sendo transparente. Essa questão de transparência eu acho que não existe, mas, enfim, é um esforço que se faz de dizer como é que foi o processo de produção. Foi importante o *Intercept* então dizer o motivo de não ter ouvido imediatamente o outro lado, por exemplo. E acho que era exatamente isso que os jornalistas deste caso tinham que fazer. Eles tinham aquele monte de informações e já tinham chegado à conclusão sobre o que podiam publicar primeiramente. Diante disso, eles iam ouvir o Moro ou o Dallagnol e perguntar: “o senhor disse isso mesmo?”. Claro que não, até porque os denunciados iam dizer exatamente o que disseram: “que eu não posso afirmar, que é um hacker, que isso pode ser manipulado”. No entanto, há um detalhe: de fato, o vazamento pode estar manipulado. O eterno problema dos vazamentos é que, nem você, repórter - falando de um repórter ético -, muito menos o público, sabe se o que está sendo enviado para ser publicado é a íntegra da história. Claro que a gente sabe que aquilo é verdade, e aí vem a questão da credibilidade, porque o Glenn Greenwald, sobretudo, não iria botar a reputação dele em causa depois de ter conseguido repercussão e prestígio, juntamente com Snowden, no caso da denúncia da existência de programas secretos de vigilância Global dos EUA feita pela Agência de Segurança Nacional. E não é porque ele é um estrangeiro. É porque simplesmente ele fez um trabalho de rede que se espalhou no *The Guardian* e em outros jornais, em parte para ampliar a divulgação e em parte porque precisava de mais braços e mais cérebros para destrinchar aquelas coisas todas. Foi o que ele fez agora da mesma forma. Então, em princípio, você, que já tinha um pensamento crítico em relação a todo o comportamento da Lava Jato, acredita que o vazamento é fundamentalmente verossímil. Sobretudo depois de um processo judicial que resultou no golpe, mesmo sem sustentação para muitas das ações do Moro. No entanto, não é impossível que haja distorções e edições, que favoreçam a uma determinada versão das coisas. Por isso, a crítica do Dallagnol e do Moro de que pode ter havido manipulação não é descartável. Agora, a questão é: como é que uma situação como essa que exigiria imediatamente o afastamento das pessoas envolvidas para averiguações não dá em nada? Como é que diante de uma denúncia deste tipo, que tem tudo para ser verdade, embora não esteja comprovada - porque não houve perícia - uma parcela da mídia não age no sentido de insistir na urgência deste afastamento? Pelo contrário, faz aquilo de tratar diferentemente o vazamento do áudio da Dilma com o Lula e o vazamento das conversas envolvendo o Moro, dizendo neste último caso que “as mensagens vão ser investigadas”. Ou seja, o Moro está acima de qualquer suspeita em princípio: “vamos investigar”. Neste sentido, uma das reações da mídia toda num primeiro momento foi a de rejeitar a denúncia feita pelo *Intercept*. A *Globo* rejeitou, fez tudo para desqualificar a denúncia logo de início, depois teve que rearrumar sua posição porque estava vendo que não podia mais sustentar aquilo. Mas os outros jornais tenderam ou a ignorar, ou a botar em dúvida, dizendo assim: “suposto diálogo”. Foi uma atitude muito diferente em relação à cobertura de outros casos de denúncias aceitas sem maiores questionamentos contra o PT, contra políticos que não tinham o mesmo respaldo midiático sobretudo e, portanto, eram mais fragilizados. Essa é uma diferença importante.

“A Lava Jato é um instrumento de derrubada de governo e abriu a avenida para um governo fascista”



**EJM - Por que foi a mídia independente que veio executar esse papel de denunciante, de vigilante dos poderosos, ao invés da grande mídia, embora o que foi denunciado pelas trocas de mensagens entre Moro e Dallagnol há muito tempo era comentado nas redes de comunicação políticas e cotidianas? Por que a grande imprensa fechou os olhos para esse assunto e não investigou o caso?**

Porque a grande mídia sempre apoiou a Lava Jato. Ela nunca quis saber das denúncias contra a Lava Jato. Publicavam-se sim as demandas lá do advogado do Lula, Cristiano Zanin, sua defesa, mas com o intuito de desqualificar. Publicavam então lateralmente. É mais ou menos do mesmo jeito que a mídia trata da Reforma da Previdência. Não é que não haja um debate sobre a Reforma da Previdência de longa data entre os economistas. Agora, na mídia, nunca vi. Eventualmente, você tem lá um artigo. O que há na mídia na verdade é uma campanha sistemática favorável à Reforma da Previdência, qualificando-a como inevitável. Do mesmo jeito, ninguém ousa falar da Lava Jato. Não tinha espaço na mídia. Aí você acha que quem tem esse material exclusivo vai divulgar na *Globo, Record, Folha de S. Paulo*?

**EJM - Mas qual é a razão desse apoio da imprensa convencional à Lava Jato?**

SYLVIA MORETZSOHN - É a mesma lógica que derrubou Getúlio, a mesma lógica que derrubou o Jango. É a articulação desse empresariado em torno da palavra de ordem “corrupção”, que é sistemática quando você quer derrubar qualquer governo que tenha algum viés de esquerda, como foi o caso do Getúlio nos seus últimos anos. E olha que o Getúlio foi um ditador e ele é realmente uma figura tão impressionante

que as pessoas esquecem que ele foi um ditador, que mandou a Olga Benário para o sacrifício. Como é que você vai esquecer isso? Mas as pessoas esquecem e dizem que ele era o pai dos pobres. No final, realmente ele foi este estadista que defendia as causas populares. Não era de esquerda, evidentemente, mas tinha um viés de sustentação de promoção de direitos sociais e trabalhistas que contrariava o empresariado. Do mesmo jeito foi o golpe de 1964 e o de 2016. A Lava Jato foi uma operação montada com o objetivo de finalmente derrubar o PT, que não pôde ser derrubado pelo *Mensalão*, por exemplo. Tinha toda uma expectativa naquela época de que Lula terminasse o mandato e não fosse reeleito com a denúncia da história do Mensalão. Não foi por acaso que o julgamento do Lula foi transmitido ao vivo pela *Globo News*. E, no *Jornal Nacional*, a notícia vinha com aquela imagem do Willian Bonner atrás daquele duto jorrando dinheiro, sempre em vermelho, numa associação semiótica da imagem com aquilo que está ali narrado, para você colar a ideia de corrupção ao PT, como se o PT tivesse inventado a corrupção. E, o pior, qualquer crítica que se fizesse a isso significaria uma defesa do PT, portanto, uma tentativa de ilibar o PT, de dizer que o PT

não é corrupto, o que não é verdade. De fato, quem é petista, quem estava envolvido em campanha, estava querendo dizer que aquilo nunca existiu, o que não é verdade, evidentemente. Mas, quem sabe das implicações deste tipo de denúncia, vai defender o PT, apesar de tudo. Vai querer o Lula livre, apesar de não garantir absolutamente que o Lula seja inocente. Mas, seguramente, ele não é culpado daquilo que estão imputando a ele neste caso e, com certeza, ele foi retirado da disputa exatamente para poder evitar que houvesse algum risco de um projeto petista prevalecer. Essa estrutura toda se articulou com essa organização da Lava Jato que era explícita. Aquele texto que o Moro publicou em 2004, portanto, dez anos antes de a Lava Jato começar,

**“A grande mídia sempre apoiou a Lava Jato. Nunca quis saber das denúncias contra a Lava Jato”**

era um texto sobre a operação Mãos Limpas, na Itália, na qual ele se baseou para poder agir na Lava Jato. Lá, na Itália, isso deu em Berlusconi. Na verdade, o que Moro estava fazendo era bombardeando os políticos de uma forma geral com um discurso perfeitamente palatável junto ao público: “político é tudo igual, é tudo safado. Aqui os juízes e procuradores, pessoas acima de qualquer suspeita, são os que vão botar ordem na casa e ainda falando em Deus”. É um negócio poderoso. Então, como é que a imprensa não é capaz de questionar isso? É porque está articulada com isso.

**EJM - Atualmente, no seu pós-doutorado, você realiza uma pesquisa em que investiga como o jornalismo é afetado pela formação de crenças e convicções nas bolhas virtuais. Eu gostaria de lhe fazer a pergunta inversa: você acha que o jornalismo colaborou para esse cenário de desinformação e entendimento do mundo que é embasado nas crenças e convicções?**

SYLVIA MORETZSOHN - Eu acho que sim. Não há nada explícito dizendo que sua crença está acima de tudo, mas o problema é a qualidade da informação que você consome. É que você não tem um leque variado de informações disponível- e cada vez menos se tem- e tem que fazer um esforço para chegar a uma determinada informação mais sofisticada, enquanto que a outra você recebe automaticamente, ou pela televisão, ou pelo *Whatsapp*, ou por uma *newsletter* qualquer. Dessa forma, apesar de a mídia não ter agido no sentido de valorizar as crenças sobre as evidências, ela sonou informações fundamentais. Se houvesse algum trabalho no sentido dessa educação para crítica a uma versão prevalecente de como é o mundo, como são essas forças que estão aí se enfrentando na campanha eleitoral, por exemplo, haveria uma brecha pelo menos para se trabalhar uma visão diferente disso. Por conta disto, essas possibilidades ficaram restritas às bolhas à esquerda que ficam falando para si próprias. Por isso que digo, a formação dessas crenças não é uma coisa automática, imediata e pré-estabelecida. Ela favorece um discurso que é completado sobretudo pelas neopentecostais. E na igreja você está no âmbito da convicção, do indiscutível. Eu pergunto: por que o PT não fez um trabalho ideológico significativo no sentido de mostrar como o partido e seus governos foram decisivos na política de cotas de ingresso de pobres na universidade, coisa que até então não havia? Por que muitos desses que foram beneficiados por essa política participaram do empenho a favor do *impeachment* e seguramente votaram no Bolsonaro também, ou pelo menos não votaram de jeito nenhum no PT? Porque eles estão convencidos pela igreja de que é mérito deles e é desígnio de Deus. De um lado, neste sentido do empreendedorismo, a mídia é totalmente responsável, porque ela tem essa pauta permanente. Sempre reforça a história de alguém que conseguiu superar todas as dificuldades e chegou lá, com a mensagem final de que “você pode”. Mas, coletivamente, você não pode. Você sozinho não pode nada. Porque a questão sempre foi coletiva. Por isso, a esquerda não pode tirar o papel do coletivo no enfrentamento de uma situação, é preciso formação política. Por outro lado, essa mídia sempre martelou essa ideia, e não é de hoje.

**EJM - Quais as possibilidades que o jornalismo tem nesse cenário para fomentar o que você chama na sua tese de um novo senso comum, ou, nos dizeres de Paulo Freire, para contribuir com a promoção de um “saber ingênuo para um crítico”?**

SYLVIA MORETZSOHN - Primeiro, a ideia que a gente tem de jornalismo associado ao iluminismo teria que ser, nesse ambiente que a gente está vivendo agora, a de furar as bolhas. Num [artigo](#) em 2005, Evan Cornog fez a pergunta: “como é que você faz bom jornalismo se o público não se importa?”, numa preocupação voltada basicamente para a decadência do jornal impresso. Mas as coisas se precipitaram de uma maneira incrível. Nesse meu projeto de pesquisa agora eu pergunto: como é que

o jornalismo vai conseguir continuar se legitimando como atividade fundamental para o convívio democrático se ele não consegue furar as bolhas, se ele fica só mimetizando os *fait divers* que prevalecem na internet? Ou simplesmente reverberando as maiores barbaridades que, por exemplo, Bolsonaro, Weintraub, Damares falam. Porque, se o jornalismo continuar a simplesmente relatar o que fulano disse, sem ter o mínimo de senso crítico e sem desmentir o que não é verdade, não vai dar. E o jornalismo institucionalizado não tem agido com senso crítico de forma geral. Claro que há um outro jornalismo periféricamente tentando fazer isso e eventualmente consegue. Contudo, a questão é o nível de audiência que obtém; é uma luta muito desigual. Mas, em termos de legitimação, eu acho que precisaria ter presente isso de fazer o trabalho que sempre foi feito, de confirmação das informações antes de publicar, de cotejar interpretações distintas para chegar a uma determinada conclusão, tudo isso que é o preceito clássico do jornalismo. Resta saber se vai ser possível furar as bolhas nesse ambiente da internet. Isso é o que eu acho o mais difícil.

### **EJM - Você acha que investir na literacia midiática é um caminho para furar as bolhas?**

SYLVIA MORETZSOHN - Acho que essa questão que vocês desenvolvem no objETHOS de educação para a crítica de mídia tem tudo a ver com esse processo. É uma forma de você suscitar nas pessoas, nos jovens - e jovens são sempre fundamentais, porque são o futuro - o interesse pela informação. Esse trabalho de educação para a mídia no ensino básico é fundamental. Contudo, para que isso tenha sucesso, é preciso que haja um público também esclarecido no sentido iluminista, ou seja, educado para a necessidade de duvidar das coisas. Você tem que ter nesse processo de aproximação junto às escolas a sensibilidade de tentar capturar nas pessoas o gosto pela dúvida, você tem que tentar perceber se as pessoas, aqueles jovens e adolescentes, estão realmente afetados já por isso ou se eles precisam ter uma dose de questionamento, se eles precisam ser sacudidos ali. E aí já é uma questão discursiva: como é que você levanta dúvidas junto a essa galera? Que tipo de discurso você vai adotar para que essas pessoas se interessem por aquilo, haja vista que cada vez mais elas tendem a ser dispersivas? A dispersão da atenção é um fator muito preocupante em relação a tudo isso que a gente está observando. E o imediatismo também. Então, é preciso que o ambiente da escola seja esse de estímulo ao questionamento e à atenção. No entanto, o próprio ambiente da escola está sendo degradado por essa coisa de educação a distância, e aí você vai atomizando, é um processo muito complicado de tratar.

### **EJM - E como é que você enxerga o que se chama de jornalismo de causa, já que ele tenta mobilizar uma comunidade, e, portanto, é menos individualista? Você acha que se pode apostar nisso para captar o gosto pela informação por parte do público?**

SYLVIA MORETZSOHN - Eu não sei se posso definir bem jornalismo de causa, mas o jornalismo feito na época das revoluções, da revolução francesa, era um jornalismo de causa. O jornalismo nunca deixa de ser de causa porque, se ele defende a liberdade de expressão, ele defende uma causa. É uma coisa meio contraditória, quando se diz que o jornalismo só relata fatos, porque, se relata fatos e afirma que os valores da liberdade são decisivos, ele está defendendo uma causa. Agora, ele não está defendendo a causa do Talibã, não é? Por que é tão natural a gente achar que o Talibã tem que ser derrotado? O problema do jornalismo de causa classicamente falando, como algo que defende uma causa absolutamente, essa coisa da militância, é que ele deixa frequentemente de ser jornalismo, no sentido da crítica que o jornalismo tem que fazer obrigatoriamente em cada coisa que ele vai cobrir. Ou seja, se você defende uma causa, você tende a esconder tudo aquilo que possa contradizer ou prejudicar

essa causa. Você faz propaganda muito mais do que jornalismo e isso é ruim.

**EJM - É possível falar de bom jornalismo no Brasil? Onde ele está sendo feito?**

SYLVIA MORETZSOHN - Existem alguns exemplos, sim, de reportagem hoje. Agência Pública, Ponte, alguns blogs independentes, o Nexô. Há articulistas, tipo Jânio de Freitas, o Bob Fernandes, o Bernardo Mello Franco, que é um cara novo, e que, do Globo, talvez seja o único decente, depois de tanto passaralho. A Patrícia Campos Mello, da Folha, responsável por aquela reportagem sobre a rede de whatsapp que detonou a avalanche de fakes news durante as eleições. Mas é claro que há muitos outros também. A gente tem, sim, exemplos de profissionais que, em níveis diferentes e ocupando espaços diferentes, fazem bom jornalismo. Agora, relativamente é pouco, mas existe. E é um pouco também a forma que a gente tem de ter informação à contracorrente, porque, se tudo estivesse dominado, a gente não teria condições de estar falando essas coisas todas. A gente teria que se informar de alguma outra forma.